

Sebastião Elias Milani

CADERNOS DE POESIA

**São Paulo
2000**

ÍNDICE

I - POETEIRO

- 1 - Caderno de poesia
- 2 - Desgosto
- 3 - Auto biografia do pai do filho.
- 4 - Liberdade dos loucos
- 5 - Mulher muito apaixonada
- 6 - A morte do ídolo
- 7 - Com viver
- 8 - Arregalação
- 9 - João e Maria
- 10 - Fingidor: A pessoa do poeta.
- 11 - Amar sem conta
- 12 - Desgosto
- 13 - Amor

II - FILOSOFANDO

- 1 - Diferença
- 2 - O homem comum e o incomum
- 3 - Quimeras: morrer
- 4 - Somos iguais?
- 5 - Parábola
- 6 - Último desejo: encantado
- 7 - Cujo qual que onde quem
- 8 - Desencontros
- 9 - O paraíso
- 10 - Erro
- 11 - Ovo: ser livre
- 12 - A briga do seu

III - SOLIDÃO

- 1 - Saudades
- 2 - Escolha!
- 3 - De corpo e alma
- 4 - Cegueira
- 5 - Sedução
- 6 - José
- 7 - Silêncio
- 8 - Escuridão

- 9 - Solidão
- 10 - Noites a dentro
- 11 – Biblioteca
- 12 – Milieu

Dedico aos meus amores!

I - POETEIRO

CADERNO DE POESIA

Tem tudo desde o começo até o fim.
Meias palavras, pedaços de mim.
Formas forjadas de claros desejos,
Despetaladas em raros lampejos.

Caderno de mim-poesia:
Noites sem nenhum por vir;
Covas românticas vadias.
Nada são seus desdolorir.

DESGOSTO

A boca saboreia o amargo!
Os olhos vêem a escuridão!
O nariz cheira a podridão!
As mãos trabalhadoras queimam!

Pés desiludidos em dor!
Pernas cansadas amolecem!
Coração ardente desfalece!

A boca amarga seca!
Os olhos cegos choram!
O nariz farto fecha!

Mãos úteis se escondem!
Pés doloridos param!
Pernas moles se dobram!

Coração desiludido:
Chora
Sente
Pára,
Bate bate bate,
Até cansar!

AUTOBIOGRAFIA DO FILHO DO PAI.

Pai só tem um!

O Pai mandou seu filho para ser Deus!

O Pai era Deus, mas era invisível.

O filho agora é Deus!

Pai e Filho são apenas um: espírito.

— Vai embora! disse um pai.

— Vou ser um deus, meu pai?

Só os pais maiores são capazes de mandar um filho ser um deus.

— Obrigada pai, pois sei o que fizeste.

— Perdoai os pais, pois eles sabem o que fazem!

LIBERDADE DOS LOUCOS

Desperta em mim uma dor:
— Faço o que nunca fiz.
— Quero o que nunca quis.

Livre não sou mais,
Liberto como jamais,
Liberdade que escolhi.

Não sei o que penso,
Não quero pensar.

Digo sim e me ajoelho!
Chuta-me e eu me entrego!
Diz não e eu morro!

Sou mais livre agora que não sou livre.
Mando rosas e faço versos.
Só se está vivo quando se morre por amor.
Estou morto; viverei para sempre.

MULHER MUITO APAIXONADA

Ela propôs, eu disse não!

Ela se dispôs ao não.

Eu reclamei da disposição,

Ela não disse não.

Refez e redispôs, não reclamou!

E, eu declamo que assim não sei o que quero.

Ela: — Diga! — Sim! — Sim!

E eu: — Não sei e nem sei, o que sei!

Perdão!

Talvez, hoje seja um dia de lágrimas.

E, eu e ela, estaremos infelizes.

Ela dirá: — A culpa é toda minha!

Eu apenas vou chorar muito.

E... nem sei...

A MORTE DO ÍDOLO

Eram tantas vozes
Vazias, variadas, velozes,
Chorosas, cheias de saudades.

Um sol, uma lua,
Um jato, uma nave.
Gelados, gritos congelados, uma explosão!
Um violão, um coração, um muro, um lápis, um novo grito.
Muitas lágrimas amargas.

Um, no meio de tantos
Que querem e não podem.
Este podia, fez, era, queria, mostrava o caminho.
Infinito, é verdade, porém um caminho.

Ídolo, ídolo meu, meu ídolo,
Por que você e não eu?
Na sua vida, na sua morte, no seu lugar eu queria estar!
Nem era por você, mas pelos outros.
Nem era por mim, mas era por nós!

— Que agonia...!
— Que música toca? — Eu toco, me ensina!
Faça algo, que seja tão digno quanto digno julgo que seja!

Agora, só resta a dor!
Não há dor, de não existir!
Mas a dor daqueles que, como não podem,
Descobriram que o poder-fazer não dura para sempre.
Não sei o que fazer!
Uma lágrima e uma vela.
Simplesmente adeus,
Sonho dos meus!

COM VIVER

Foi sensacional!
Foi a primeira vez, sim!
Foi de fazer perder o fôlego de alegria!

Nunca pensei que pudesse ser tão bom!
Condenei-me, quando terminou, por só, então, ter
experimentado.

Perguntei-me:
— Quantas outras vezes perdi de viver tamanha diversão?

Sabia que era fantástico,
Já vira muitas vezes na televisão,
Contaram-me que era gostoso!
Mas nunca tinha visto ao vivo!
Até os astros estavam maravilhosos!
Agora, irei sempre que puder.

Não houve violência!
O meu time ganhou!

Dizem que a emoção de a primeira vez é insuperável!
Mas, não creio, sempre haverá algo para ser descoberto,
Principalmente quando se vive algo por paixão.

ARREGALAÇÃO

Explosão do obus,
O rio virou mar,
A casa caiu.
O político não viu.

Ah! Quem acredita nisso?
Estava chovendo e eu vi,
Só não viu quem não quis.
Se fosse eu, pediria para prestar atenção.
Tinha azul, não tem mais!
Tinha peixe, não tem mais!
Tinha verde, não tem mais!
Era incolor, está cinza e fede.
Gente? Não tem mais também?

JOÃO E MARIA

João deveria comer da maçã e não poderia comer da banana.
Maria comer da banana deveria e não poderia da maçã comer.
João pode a maçã ou a banana comer.
Maria pode a banana ou a maçã comer.

Às vezes, João acha que prefere da maçã.
Às vezes, sabe que prefere a banana.
Maria, às vezes, sabe que prefere da banana.
Acha, às vezes, que prefere a maçã.

João mordeu a maçã e até gostou!
Maria banana comeu e quase gostou!
João banana comeu e adorou!
Maria mordeu a maçã e muito gostou!

Na feira-livre, Maria virou João
E João virou Maria.
Agora, na casa do João-Maria tem banana, todo dia!
E, na casa da Maria-João têm maçãs de montão!
Coisas da natureza!

FINGIDOR: A PESSOA DO POETA.

No espelho uma imagem.
 De quem é essa imagem?
 Nossa que imagem estranha!
 De quem é esta imagem?

Bom! O espelho reflete a imagem de quem fica na frente dele!
 [Manifestou-se a razão.

De quem é esta imagem, se somente eu estou aqui?
 Meu Deus! Esta não pode ser a minha imagem!
 Espelho, espelho meu! Quero saber como sou eu!
 — Eu sou fiel! Só falo a verdade!
 — ... Mas, espelho? Eu não me reconheço!

— Responda!
 Quando alguém pede para você ser o herói, o que você faz?
 — Eu finjo que sou o herói!
 Quando alguém deseja que você seja um pobrezinho, o que
 [você faz?
 — Eu finjo que sou pobrezinho!
 Quando você quer parecer milionário, o que você faz?
 — Finjo que sou milionário!
 Quando é melhor ser discreto, o que você faz?
 — Fico discreto.
 Quando precisa ser notado, o que você faz?
 — Faço-me de político.
 — Esse é você! Tudo o que for necessário! — Você é um
 [fingidor!

Espelho, eu quero saber quem sou? Não seja tolo! Você não
 [conseguiria viver sabendo quem você é. Continue
 [fingindo, assim é que deve ser, assim é melhor.

AMAR SEM CONTA

Para amar basta amar.
Não há amor sem limites,
Porque se é sem limites,
Limitado está pelo infinito.

Amor é o inverso do substantivo.
Dizer que o amor é,
É dizer que há adjetivo.
Amor é sem conta;
O amor não é aquilo que sinto,
Amor não pode ser sentido.
O amor não é nada, mas é tudo.
Amor é um estado, mas não é.
Amor não é, não está, não mede.
O amor simplesmente não pode ser,
Porque se for, não é amor.
O amor não é, e não pode ser,
Porque ele não existe para aqueles que, como eu, ainda são
matéria.

DESFEITO

- Vou-me embora!
Vou-me embora!
- Não vá, não vá!
- Vou-me embora e não voltarei mais!
Mas deixo meus discos e meus pertences!
Logo, muito logo, um dia volto buscar!
- Não vá, não vá!
- Vou-me embora, agora!
- Volte quando quiser, a casa é sua!
- Voltei buscar o que me pertence!
Voltei buscar, mas só vou levar,
Do que me pertence, um quarto.
- Fica, já que aqui estás!
- Não quero ficar; vou-me embora!
Não quero mais te ver!
Só vim, o que é meu pegar!
- Mas se não levas tudo: é porque queres ficar!
- Não, não vou ficar. Um dia volto buscar o resto!
- Amanhã, virás buscar?

— Não sei!

— Mas se não levas... terás que me ver!

— Não quero te ver!

— Hoje, vim só para ver se o que deixei ainda aqui está!

— Se não levas e não deixas, sempre, talvez, aqui ficará!

— Hoje, vim pegar o menor de meus pertences! Não vais me pedir para ficar?

— Não!

— Voltei hoje; não te achei. Por quê?
Voltarei logo meus pertences pegar!

— Vim trazer seus pertences, já que demoras buscar!
Se os quiseres, pegue-os ou os terá fora jogado!

AMOR

Tantos já disseram do amor o seu valor.
Clássicas oposições do que é sem ser, sendo.
Românticas razões ideais: amor-perfeito.
Modernas razões, sem-razões de amor sem fim.

De onde vem que se explica e não se entende?

Quem é que sabe, mas não sabe, e sabe?

Eu te amo. Não basta!
Amo-te como amo a mim mesmo;
Amo-te, de dentro de mim saíste;
Deus é amor. Não basta!
Não basta nada para saber do amor!
Não basta nem mesmo explicar:
Amor é amor e pronto!
Sabe, e só sabe, quem experimentou.
Por isso, não perguntem,
Mesmo sabendo, quem poderia explicar!?

II – FILOSOFANDO

DIFERENÇA

O mais difícil de ser um destaque, é que precisa ser um sábio. E ser sábio é difícil, porque exige ser diferente.

Ser diferente, faz de um ser, um ser difícil, e um difícil é difícil de entender.

Diferente quer dizer fora da norma. Quando alguém se destaca, ele é diferente. E para ser diferente é preciso muita coragem.

Todos acham perfeito ser diferente, mas poucos abraçam um melhor.

Então, é mais fácil ser covarde, porque é igual, não destaca, não exige.

Ser sábio não é fácil, desculpem as muitas redundâncias, é difícil.

Ser sábio é ser diferente e festejar a diferença.

Ser sábio não é ser gênio, mas é saber amar tanto e tantos, que só os poetas saberiam.

A sabedoria vem da alma, é um dom e dom todos têm.

Ser diferente é difícil. Reconhecer o diferente e respeitá-lo é ser sábio. Pois, sejam valorosos, na presença de um diferente, sejam sábios o suficiente para serem pelo menos indiferentes.

Muitas vezes vocês terão a sua frente seres diferentes. Saibam que mais difícil que reconhecer um diferente, é conseguir ser diferente dentro de um mundo que só quer iguais. Não sejam iguais. Ajudem os diferentes, só eles fazem diferença na soma geral.

Guardem essas palavras para o dia que encontrarem algo, que de tão repulsivo, os fará abraçá-lo.

Abracem! Entre milhões só alguns seriam tão grandes.

Por fim, façam tudo diferente dos iguais, mesmo que não sejam compreendidos. Esse é o grande Mestre.

HOMEM COMUM E O INCOMUM

Um homem tem certas obrigações que lhes são impostas pela condição de sê-lo. Um homem deve, entre muitas outras coisas, trabalhar, andar vestido, cuidar de um certo mundo que o cerque. Todos os humanos de um modo mais geral possível, sempre estão envolvidos nesse tipo de atividade rotineira que, numa síntese ou numa generalização, os iguala. Pode-se dizer, então, que, em largas visões, os homens são todos iguais, ou melhor ainda, os humanos são todos iguais.

Numa olhada, digamos assim, mais aproximada, não muito, somente o suficiente, se perceberá uma distinção destes em algumas categorias genéricas, do tipo: homem e mulher, criança e adultos. Aproximando-se um pouco mais, pode-se observar outras categorias, aquelas distintas por preconceitos, do tipo: mais ricos e mais pobres, mais brancos e menos brancos. Mais próximo ainda, ver-se-á outras categorias de gente que se diferencia pela situação social em que se encontra, do tipo: se está de branco é da área de biológicas, se está de terno ou é advogado ou é executivo e sua variantes. Aproximando-se mais ainda, ver-se-á distinções do tipo mais bonito, mais feio, careca, gordo, magro, etc.

Nesse estágio de observação, o genérico deixa de existir, a partir desse ponto, todos são distintos de alguma maneira. Porém, esses se desnivelam por algo que não pode ser visto, pela atitude que tem em relação aos outros: alguns são capazes de ver mais além do óbvio e outros, mesmo esforçando-se, têm muita dificuldade para ver certas diferenças.

Observando uma certa categoria de gente, que não chega a ser uma categoria, mas é um estado de alma, percebe-se que a distinção entre essas duas pessoas impossibilita ou nega a existência de um indivíduo capaz de ser as duas coisas: o intelectual incomum e o intelectual comum ou não-intelectual.

O primeiro não tem outro amor que a sua própria mente. Não ama se não for por absoluto espaço vazio. Ele escolhe aquilo que melhor se encaixa na sua existência de intelectual convicto. Nada além de uma existência sem qualquer outro objetivo que marcar sua presença no meio que ele vive, sem a pretensão de ser imediatamente reconhecido, mas profundamente respeitado, tem importância. Esse, certamente, ganhará os limites do que pretende ser e o será do modo mais lindo possível. Ele será vencedor.

O homem que não é incomum, que é alguma coisa, mas a executa de modo não apaixonado, é um monte de coisinhas. Ele é o pai do fulano, filho de beltrano, etc. Ele é um dentre tantos médicos, enfermeiros, professores, atores, artistas, donas de casa, homem do lar, etc. Importantes, mas que não permite ao ser aquilo que não for de imediato o mais útil. O comum é comum. Ser comum não permite ser incomum.

Para ser muito incomum deve-se, portanto, ser um ser de natureza incomum. Cabe uma certa máxima, talvez preconceituosa, que classifica as pessoas segundo uma certa distinção mental de origem evolutiva, ou seja, a classificação de serem distintas em mais inteligentes e menos inteligentes. Daí, se uma pessoa inteligente/evoluída resolve ser dedicada, muito dedicada: ela se inventa intelectual/incomum.

O intelectual, porém, não deve ter a pretensão de ser comum. O intelectual é absolutamente intragável, não visível, não pode ser pai ou mãe, dedicação não pode ser dividida. O intelectual não pode ter medo de ser discriminado; a discriminação é a sua arma mais poderosa. Ele vive e existe porque é muito estranho, se não o for não poderá ser intelectual. Existe um abismo intransponível entre o comum e o incomum.

O intelectual não se zanga com os não intelectuais, com as suas limitações e classificações. Ele só classifica depois de

analisar muito. Ele não precisa do mundo porque o seu mundo, ele carrega na cabeça. Ele vive enquanto puder ser apenas aquilo que quer ser, e só. Ele raramente quer aquilo que os comuns mais querem: a matéria em grandes quantidades. Ele se satisfaz em não ver nada que não lhe interessa, mas é capaz de permanecer olhando a mesma coisa durante anos. É por isso que ele não pode ser comum, não pode ter amigos do grupo comum sem ser estranho entre eles, não pode ter prazeres imediatos em larga escala, ele se contenta e fica feliz com um pouco desde que seja de profunda qualidade.

Comum a gente não precisa falar, eles estão aos montes e são muitas e muitas vezes praticamente desprezíveis (em sentido figurado), o incomum acredita na vida e na possibilidade de transformação da vida: é por isso que sempre vive e vive para sempre.

QUIMERAS: MORRER

Vi um poeta que aos berros declamava,
 Declamou que a dor de estar vivo,
 Somente poderia ser acalmada
 Pela glória da caminhada para a morte.

Ele descrevia o mundo. Gritava alto!
 Ele bradava em prantos.
 Oferecia amor.
 Sem mais pesar e sem tristeza, oferecia
 A sua alma, que julgava desgarrada para que,
 Acalmada a morte ficava,
 Amar virasse hábito de todos os dias.

Ouve-se todos os dias,
 Quantas vezes repetia.
 — Olhem a caminhada generosa das cruzadas repetidas.

Ouve-se todos os dias:
 — Que mundo!
 Ouve-se todos os dias:
 — Que mundo!

Repitas, então, se es capaz:
 — O mundo caminha, implacável, e não será jamais impedido.

Caia quantos Napoleão e Hitler existirem ...
 Também eles são só partes da caminhada.

Queria não estar embolado na parte vil.
Queria estar do lado que não é corrompido.
Queria estar do lado de lá, do outro lado.
Queria cantar a glória e não a dor.

Lá vai o mundo, imponderável.
Lá vai o mundo, incorruptível.
Sob o designo de quem criou.
— Não há razão para temer!

Oh, Anjo Augustus!
Descreva esta última quimera.
Que pantera, que nada!
Por que, se posso ver, tenho que viver?
Por que, se já sei que nada serei, tenho que viver?
Por que estou preso a este lastimável e faminto corpo?
— Deste modo sou presa fácil!

Não importa, nada importa.
Se em mil faces o mal se disfarça.
Para cada milhão de demônios vivos,
Basta um anjo encarnado ou um poeta humilhado,
Para que de novo o mundo se redima.

A cada passo concluído,
A cada fogo apagado,
Mais uma página virada do projeto infinito que o poeta ousou
tentar descrever.

PARÁBOLA

Um dia chegou a um lugar, onde tinha muita gente, um jovem de aparência intrigante. A gente desse lugar tinha muitos problemas.

Este jovem era um anjo do Senhor, disfarçado, tão bem disfarçado, que nem mesmo ele sabia direito quem era.

No início, a aparência do jovem, que não parecia nem homem e nem mulher, que era homem e, às vezes, mulher, causava muita estranheza.

Com o tempo, as pessoas começaram a notar que ele era muito especial, que tinha uma inteligência brilhante, que era puro, que fazia tudo pelo bem, que era capaz de qualquer coisa para consertar o mal e revelar a verdade. Então, as pessoas começavam a ver aquilo que estava sob o disfarce, e elas se sentiam apaixonadas. Todas queriam ser donas do anjo, possuir o anjo.

Começou a aparecer os homens e as mulheres mais belas e belos do lugar. Todos exibiam seus dotes físicos para o anjo. Todos queriam que ele escolhesse um deles, e todos queriam ser o escolhido.

O anjo não se interessava por ninguém. Aliás, todos interessavam-no, mas ninguém era suficientemente especial para poder possuí-lo.

Então, o anjo já decepcionado, tendo sua missão encerrada, e sendo obrigado a ir embora por causa do desejo das pessoas, resolveu partir.

Todos estavam presentes na despedida. Muitos com muita raiva porque se achavam rejeitados. Outros traziam presentes. Então, apareceu um rapaz, jovem, para dar seu adeus e disse:

— Se eu fosse capaz e se tivesse a sua sabedoria, eu não quereria mais nada. Queria ter e saber ser sábio, saber não

desejar o mal, saber fazer a paz. Gostaria de ter o coração puro, para ser digno de acompanhá-lo no seu caminho e servi-lo.

Então o anjo disse para ele:

— Andar comigo é muito duro. Mas não queira aquilo que já tem. Foi o seu coração puro o que te trouxe aqui. E de hoje em diante, tudo que for seu desejo será meu desejo, e saiba que todos os meus desejos são realizados. Basta, para ser meu dono para sempre, que você mantenha o coração puro. Não vai precisar ser o que não quiser, mas se quiser o farei ser: conforme o seu desejo.

Imediatamente, o rapaz desejou que todas aquelas pessoas ficassem ricas. Então o anjo disse:

— Somente os desejos daqueles que têm coração puro serão realizados. Este não é um desejo seu, mas um desejo deles. Se desejar algo para você, receberá; recebendo, se quiser dividir com outros, poderá. Só não poderá dividir-me, com eles.

Eles partiram. No lugar, ninguém entendeu:

— Por que, se ele era capaz de realizar todos os desejos, não realizou o nosso de ter dinheiro?

Um velho que passava, respondeu:

— Para terem algo ou alguém, é preciso oferecer para obtê-lo, aquilo que lhes for exigido. Respondam: Para quê vocês queriam muito dinheiro? Por que vocês desejavam dinheiro? Lembrem-se: Só o espírito é eterno!

ÚLTIMO DESEJO: ENCANTADO

— Acho que vou morrer!

— Não me contento de não saber quando.

José Pedro, meu amigo, não me ama mais!

José Maria, meu amigo, me ama, mas não me diz!

José Manoel, meu amigo, me ama, me disse.

Mas, agora, fogem de mim!

Joaquim, me ama, me disse, não fugiria de mim,

Mas está muito longe.

Maria José, não me ama, me disse que me queria

Mas não me serve.

Maria-Maria, dizia me amar, me possuiu, me violou,

Eu não a quero mais.

Pessoas me querem, tantas me querem,

Me amam acho, talvez.

Mas não as quero, não sei porquê.

Quem me quisera e eu não quisera, não me quis!

Quem me quisera e eu quisera, não me quis, como eu quis.

Quem eu quis, não quero mais!

Quem eu não quis, não me quer mais!

Quem eu quero, não me quer!

Quem me quer, eu não quero!

Devo morrer no próximo dia 15,

Gostaria que fosso nos braços de alguém...

CUJO QUAL QUE ONDE QUEM

Sebastião cuja nacionalidade é brasileira.
São Paulo cuja palavra é uma oração.
São Paulo cujo estado é uma nação.
Brasil cujo estado é brasileiro.

Sebastião do qual a nacionalidade é uma obreira.
São Paulo do qual a palavra é uma obreira.
São Paulo da qual o estado pode ser o mundo inteiro.
Brasil do qual se quer brasileiro.

Sebastião que a racionalidade é brasileira.
São Paulo que a conversa é pura emoção.
São Paulo que o estado é imensidão.
Brasil que de brasileiro só a paixão.

Sebastião onde indica o seu lugar.
São Paulo onde fica na minha vida a sua praça.
São Paulo onde está neste mapa a sua razão.
Brasil onde fica no seu país seu coração.

Sebastião quem faz sua bandeira é você.
São Paulo quem repete sua oração é um obreiro.
São Paulo quem conhece o seu íntimo, sabe o mundo inteiro.
Brasil quem mais sabe de você é o meu coração.

DESENCONTROS

Numa rua antiga, com formas antigas.
 Os prédios são tão antigos quanto a rua.
 A rua e os prédios são tão antigos quanto a cidade,
 Que é antiga, quanto antiga é esta historinha.

Um certo dia passa por ali; vai se achegando.
 Um outro dia pára e diz que está feliz.
 — As almas se reconhecem,
 — Os corpos são quase iguais.
 Amor acontece!

As almas se desejam loucamente.
 Os corpos se repudiam fortemente.
 Quanto mais eles se repudiam,
 Quanto mais elas se reconhecem.

São corpos iguais, que não se querem!
 São almas opostas, que se desejam!
 Almas e corpos, ambos se completam,
 Se confundem, mas não se fundem!

Verdadeiro amor:
 Ele fica no limite do poder que se instala entre a dor e o prazer.
 É indescritível entre corpos justos, ajustados às travas do
 desejo carnal.

O amor verdadeiro resiste,
 Porque ele existe na alma,
 Ele não tem corpo e, por isso, supera tudo.

Mas, que trágico é o amor que não tem corpo.

O PARAÍSO

Lá longe, muito longe, tem!

Do lado de lá também tem!

Somente aqui não tem!

Lá tem uma coisa que aqui não tem!

Lá e aqui são lugares iguais!

Lá tem amigos de monte.

Aqui no peito, lá terei muitos amigos.

Lá, no peito baterei!

No peito dos amigos deitarei!

Meu vizinho veio de lá!

Eu não falo com o meu vizinho!

Nem acredito que ele seja de lá!

Vai ver lá nem é tão bom assim!

Dizem que lá para fazer amigos tem que saber falar.

— Não quero ir mais para lá.

ERRO

Errar é fazer algo que não é aquilo que deveria ser feito. É fazer algo que não está na forma mais adequada para quem diz qual a forma adequada.

Mas, se a minha forma não for a forma que mais agrada a quem guarda a forma que foi estabelecida, minha forma está então rejeitada.

Mas, se a minha forma for a melhor forma, que não agrada a quem guarda a forma que foi estabelecida, porque essa forma não está ao seu alcance.

Errei! Qual é então o meu melhor ato, agora? Qual é a minha melhor atitude? Devo eu reconhecer o meu erro, ou preservar a minha forma para o local e o dia que ela for a forma de quem estabelece a forma?

Ainda resta esperar que meu irmão cuide para que eu possa preservar a minha forma e compor com ele a forma que seria a forma que demonstraria que somos dignos da vida, segundo a forma, devo dizer, que Deus nos confiou!

A BRIGA DO SEU

Veja que interessante!

Você sabe porque o *seu* é seu, mas pode ser dele ou dela também?

Porque o *seu* tanto se refere àquilo que é seu, como também àquilo que é dele ou dela.

Seu é tudo que for pertencente ao *ocê*, mas seu é tudo que pertence ao *ele* e ao *ela* também.

Você, ele e ela têm os seus pertences adjetivados pelos mesmos *seu/sua* e *seus/suas*.

Isso quer dizer que o que pertence a você é *seu* ou *sua* e o que pertence a ele ou a ela é *seu* ou *sua* também.

O *ocê* é o culpado desta confusão!

Foram os escravos que começaram esta bagunça. É..., a culpa vem de longe. Mas agora é tarde para nos fazermos de vítimas.

Os escravos eram obrigados a se referirem aos homens livres na terceira pessoa e o faziam, usando um pronome de tratamento: *Vossa Mercê*.

Esse tal de *Vossa Mercê*, dos escravos, sofre um..., digamos assim, envelhecimento. Como tudo que fica velho vai murchando e ficando menor, o *Vossa Mercê* também encolheu. Ele passou de *Vossa Mercê* para *Vos Mecê*, *Vansmecê*, *Voncê* e acabou virando *Você*, para você e para mim. Mas, tem gente por aí que vai muito mais longe, fala-se em *Ocê* e até mesmo em *Cê*.

Exs.: *Cê* vai bem?

Ocê vai bem?

Vossa Mercê, como todo pronome de tratamento, era empregado com o verbo na terceira pessoa, igualzinho ao *ele/ela*. Com a transformação que o *Vossa Mercê* sofreu, o **seu emprego**, ou melhor, o **emprego dele**, também se modificou.

Se antes ele só servia para indicar aqueles que eram livres, agora todos são indicados por ele, independente de serem livres ou não. Ele (*Vossa Mercê*) agora é você.

Então, nós todos usamos o *você* para tratar com aqueles com quem falamos, igualzinho como os escravos usavam o *Vossa Mercê* para falar com os homens livres.

Disso resultou que, como o *você* é empregado do mesmo modo que o seu ancestral *Vossa Mercê*, com o verbo na terceira pessoa, os pronomes que antes acompanhavam os *ele/ela* (terceira pessoa verbal) passaram a acompanhar o *você* também. Rememorando: o *você* matou impiedosamente o *tu*. Deixando de lado o crime, se deve lembrar que, por causa disso, o uso do *teu/tua* ficou profundamente abalado. Os *seu/sua*, possessivos, eram usados para indicar a posse dos objetos do *você*, usado no lugar do *tu*. Estava feita a confusão.

O *ele* e o *ela* ficaram indignados: onde já se viu, o *você* tinha roubado o *seu* e o *sua*. Eles queriam justiça!

Aí...!!, a nossa sábia mãe, língua portuguesa, deu a solução:

— Fica estabelecido que de agora em diante o *seu* e o *sua* pertencem ao *ele* e ao *ela* como de costume, mas, que pertencem também ao *você*. Fica estabelecido também, que para não haver ambigüidade no discurso, tudo pertencente ao *ele* e ao *ela* terá como indicar de posse às formas *dele* e *dela*, respectivamente, também.

Assim, o que pertence a você é chamado de *seu/sua* e o que pertence ao *ele* ou ao *ela*, de *dele* ou de *dela*.

O caso ficou explicado e todos foram felizes para sempre.

III – SOLIDÃO

SAUDADES

Abri um álbum que estava a tempos guardado.
Nem sei porque o fiz!

De repente, encontrei-me, ali.
Achei-me diferente.
Era eu mesmo!

A imagem passou por mim.
Não foi o que senti quando vivi.
Foi, o que senti, pela primeira vez.

Sinto que queria viver de novo.
Não reviver, apenas viver de novo.
Nada como foi, apenas outra vez.

Senti-me diferente do que sou.
Vi-me em plano plano, reto.
Achei muito bonito.
Fiquei amigo de mim mesmo.
Revivi a mim mesmo.

Tantas coisas no coração.
Uma música tocando.
Estou de volta.

ESCOLHA!

Fui a um lugar, porque a mim pertencia.
Meu lugar foi ganho por mim.
Meu lugar é meu, porque meus não são outros lugares.

Todos têm um lugar:
Minha irmã tem filhos,
Meu irmão tem filhos.
Eu não tenho filhos, eu fui à escola.

Eles serão lembrados pelos filhos.
Eu faço a minha obra, apenas ela,
Devo ser lembrado por ela.

Meu irmão não tem filhos e nem obra.
Minha irmã tem filhos e quis estudar.

Deles, aqueles que lembrarem,
Pouco terão para contar.

Nem melhor, nem pior.
Nada melhor, nada pior.
Mas, apenas um,
Para ser melhor.

Minha outra irmã tem filhos,
Ela deseja o meu lugar.
Ela me faz sofrer.

DE CORPO E ALMA

- Quero seu corpo!
- Quero seu corpo!

Não é o meu corpo, é a minh'alma que tu queres!

Se queres a minh'alma, por que ofereces o teu corpo?

Veja o que penso:

- A alma não tem sexo.
- A alma não tem forma.
- O que vem da alma é perfeito.
- O que vem da alma é eterno.
- O que vem da alma é Amor.

- O corpo tem tamanho.
- O corpo tem cheiro.
- O corpo apodrece.
- O corpo não dura, ele morre.
- O que é só do corpo não me interessa.

Se queres o meu corpo, ofereça-me a tua alma.

- Só terás o meu corpo, se tiveres a minh'alma!
- Só quero o teu corpo, se me deres, também, a tua alma.

- Não me interessa a forma que teu corpo tem!
- Interessa-me, antes, o brilho que da tua alma vem!

CEGUEIRA

Era noite, de olhos vendados.
 Um pano preto impedindo a visão.
 Entre quatro paredes sem luz ou janela.
 Dentro do caixão.
 Tudo muito escuro:
 — Eu estava lá dentro, completamente cego!

Desejo sair!
 Desejei morrer.
 Desejei a morte.
 Desejei a escuridão definitiva.
 Não encontrei a saída!
 — Desejo sair!
 Busquei nos meus! Nos meus, não achei saída também!
 Busquei nos maus! Neles, angústia achei!

Mas, eu desejava sair:
 Desejo, oh bondade, que faça de mim puro desejo dos que desejam
 da escuridão sair!

Desejei, desejei! Desejei tanto, que encontrei!

— Acorde! Acorde! Pare de olhar para fora, olhe aqui, dentro de
 você.

A saída estava comigo- em mim - e eu, cego de mim mesmo, não
 conseguia ver.

Desejo e busco agora só aquilo que for de mim.
 Não desejo ser como o desejo dos outros.
 Desejo ser desejado por alguns.

Este é o meu sol.
 Este é o meu interruptor.
 Esta é a minha janela.

— Eis como achei a saída!

SEDUÇÃO

Era um carinho, que se apresentou.
Dos quais, a quem se apresentou,
Um se fez dar presença de desejo.

— Desejas que eu te deseje?

O que já não era só carinho, não respondeu!
Porque não era do desejo que queria,
Era apenas um carinho que fazia.

O carinho não era por desejo que fazia.
Mas, o desejo carinho pedia.

— Deseja-me que eu te desejo!

— Desejar-te, o quê?

Desejo um carinho!

O desejo carinho não deu,
Mas, uma semente de desejo, plantou.

O desejo, agora, cresceu.
O carinho, carinhos continuou,
Fez dois carinhos porque desejou carinhos.
Desejo, carinhos não fez, carinhos negou, carinhos desejou.
Carinhos, carinhos fez, outra vez.

Desejos e carinhos.
Carinhos e desejos.
Vai ser difícil, carinhos resistir aos desejos,
Não conseguirá, desejos negar os carinhos,

JOSÉ

Estava querendo liberdade.
Estava querendo solidariedade.

José aceitou um pedido.
José me libertou!

Estava querendo carinho.
Estava querendo amor.
José aceitou carinho.
José me acariciou.

José não é carinhoso.
José é José.
Eu estava quase perdido,
Mais perdido agora estou.

José não é solidário.
José é José.
Que me importa, José.
José, de você, quero só o José.

— José é meu amigo!

SILÊNCIO

Grave silêncio
Grave o silêncio
Silêncio grave
Grávido silêncio

Só na solidão do silêncio,
Sozinho somente saudando,
Sibilar suave e saudável
Dos éesses do silêncio poético.
Salve, salve, poeta solitário,
Que de saudade em saudade,
Preenche sobre o papel
Silêncio sorrateiro
Que as sílabas soletram.
Solidão e silêncio: uma analogia inter -
essante.

ESCURIDÃO

Estava muito escuro, noite absoluta.
A visão invertida completamente.
No que pisar, como andar, vigiar o quê?
Tudo, silêncio e ruídos, era terror ou incolor.

Fórmula nova para uma nova visão!
De início, cegueira absoluta.
Conhecimento nulo, estágio do “não”.
Tudo, ação e reação, é pura desilusão ou sofrimento.

Vida nova. Tudo é indiferente e igual!
Cidadãos diferentes.
Modificações inerentes.
Tudo é descoberta, envelhecimento e separação!

Passa o tempo e a experiência chega.
Passa uma ou duas praças e o Norte volta.
Passa a tempestade e a luz retorna.
Tudo novamente é silêncio e paz.

SOLIDÃO

O ser estava na luz artificial da noite.
Olhava para si à sua volta
Via apenas a si mesmo.
Estava envolto em si mesmo,
De volta para si mesmo.

Homem estava encostado à mesa.
Entre os objetos que andavam à sua volta
A mão estava na frente, cotovelo encostado.
Pernas cruzadas e corpo delgado.
De olhos fechados via a si próprio.

Estava o homem como uma mulher,
Sentado em sua mesa que não tinha de comer.
Era a mulher que lavava a roupa,
Era a mulher que fazia a comida,
Era o homem que senta à mesa e dá ordens.

Nas estantes dos livros, do som, dos álbuns.
Nas paredes dos chapéus e quadros.
Na cortina de mal gosto e na cama desarrumada.
Na música ao longe e romântica,
O humano se reconhecia e se via
Só e não sabia que sexo fazia.

Um humano só, não faz verão.
Um humano só, só faz poesia.
Só um humano não é pouco,
Um humano só é, apenas, insuficiente.

NOITES A DENTRO

A bela se ofereceu!
Haviam duas feras!
A bela se ofereceu para a fera que não acha que ser fera é ser devoradora. A fera estava em dúvidas.

Diz-se coisas às belas!
As belas se dizem:
As feras estão para serem atacadas!
E elas atacam..., atacam e atacam!
As feras se enfurecem!

Uma bela atacou uma fera.
A fera pensou que a bela não pensou:
Porque ser bela e fera não significa comer e ser comido!

A bela não pensando
Partiu, noite a dentro, com uma fera que não pensou!

A fera pensou, que pensar não é bom.
As vezes, não pensar é melhor!

A fera que pensa, ficou só,
Na noite, pensando na bela e na fera
Que não pensam.

— E se não houver amanhã?

BIBLIOTECA

Silêncio!

Silêncio!

Quantas mesas!

Vários moços,

Muitas moças,

Não têm nome,

Não tem são,

Não têm para mim!

No canto um que é moreno, agita-se entre folhas.
Alguém que fala atrás de mim, fez-me interromper.

Um tossir masculino se confundiu com as paredes.

Esse é um lugar para muitas pessoas.

Lá, no fundo, do outro lado, alguém me olha escrever.

O que será que ele pensa que faço?

Que silêncio ...

Milieu

Bonjour pour commencer;
Bonjour pour finir;
Bonne nuit au passé;
Bonjour à l'avenir!

Bonne nuit pour finir;
Bonjour pour recommencer;
Bonne nuit pour oublier;
Bonjour pour continuer;
On va parler: Bonjour, pour recommencer!

Alors, qu'est-ce que tu va dire?